

"Ceilândia é muito melhor e mais produtiva"

VANESSA CORDEIRO

Ao completar cinco meses como administrador de Ceilândia, Rogério Rosso contabiliza programas bem aceitos pela comunidade, como o Cidade Qualidade, lançado pelo governador Roriz em todo o DF, e o Estágio-Cidadão, uma iniciativa pioneira na cidade mais populosa de todo o DF. Rosso afirma que os investimentos governamentais, em 2005, serão pesados, o que viabilizará a conclusão do Metrô e a construção do Shopping Popular e da avenida que ligará o P Sul a Samambaia e à Saída Sul. Nesta entrevista, o administrador de Ceilândia faz uma análise de seu trabalho, anuncia os próximos projetos e avisa: "A questão prioritária é trazer um shopping center para a cidade". Segundo ele, há três grupos de empresários interessados nesse filão, e a cidade vai ganhar um shopping com 150 lojas e seis salas de cinema. O administrador defende a revisão do Plano Diretor Local (PDL) de Ceilândia, para que a cidade possa crescer verticalmente.

Jornal de Brasília - O que mudou nos cinco meses da sua administração?

Rogério Rosso - Alguns projetos importantes para a cidade receberam prioridade. A retomada das obras do Metrô entre Taguatinga e Ceilândia, o início da construção do Shopping Popular (ao lado do fórum) e a inauguração do emissário (manilha que conduz o esgoto para ser lançado na estação de tratamento) de Ceilândia. Com essa obra, a cidade passa a ter uma qualidade de vida bastante diferenciada, porque 100% do esgoto coletado não era tratado. Para uma cidade de quase meio milhão de habitantes, ter esse dado não era bom. Essa obra teve alguns embargos, tanto do ponto de vista ambiental quanto do ponto de vista do patrimônio histórico, porque durante as obras foram encontrados vestígios da existência de uma civilização naquele local há mais de cinco mil anos.

E a limpeza e melhoria das vias?

Ceilândia foi a primeira cidade a receber o Cidade Qualidade, que é um esforço de todo o governo para tornar a cidade mais limpa. Implantamos alguns projetos, como a trituração de entulhos. Por ser uma cidade muito grande, Ceilândia tem uma produção de lixo orgânico e inorgânico excessiva. Esse entulho hoje é triturado e reaproveitado nas operações tapa-buracos e na construção de calçadas, pequenas obras, com um custo menor para a administração e a cidade mais limpa.

O que está sendo feito para solucionar o problema do desemprego?

Implantamos um programa inovador, o Estágio-Cidadão, uma parceria entre a administração regional, a regional de ensino e o Centro de Integração Empresa Escola (Ciee), na qual os jovens de Ceilândia, a partir de 16 anos, matriculados na rede pública de ensino, recebem a primeira oportunidade de emprego. As vagas são oferecidas nas empresas, tanto públicas quanto privadas, bancos, comércio, etc. Ceilândia é uma cidade que tem quase cem escolas. O programa começou no fim de novembro e já conseguimos mais de cem colocações. Até o fim de 2005 queremos empregar 700 jovens.

Como incentivar a geração de empregos?

Ceilândia tem uma característica urbana interessante: tem menos de 5% da área territorial do DF e mais de 20% de toda a população. A cidade cresceu para os lados e não verticalmente. Hoje, Ceilândia ainda tem áreas disponíveis, tanto para moradia quanto para expansão econômica. Mas são áreas limitadas. Um dos locais mais importantes era a Área de Desenvolvimento Econômico (ADE) Norte (na Avenida Elmo Serejo, em frente ao P

Sul), que estava embargada desde 2003. Isso evitava a atração de novas empresas. Trabalhamos, com a Terracap, para desembargar essa área. Criamos uma Assessoria de Expansão Econômica na administração, que trata desses assuntos, com a comunidade empresarial da cidade, para que possamos trazer novas empresas.

Que tipo de empresas se instalaram no local?

Pequenas indústrias da área alimentícia, metalúrgica, autopeças e empresas de comércio atacadista. Temos de fábrica de biscoitos a fábrica de autopeças. Podemos dobrar a quantidade de empresas devido aos terrenos disponíveis. São quase 800 terrenos. Hoje há quase 350 deles ocupados.

Ceilândia tem muitas oficinas de fundo de quintal, como marcenarias, serigrafias, artesanato e serralherias. Está sendo feito algo para tirar essas pessoas da informalidade?

Claro que sim, porque isso é fundamental. Ceilândia tem as suas vocações econômicas muito bem definidas. Tem a sua força comercial nas sete feiras permanentes, incluindo a feira do produtor, que é a nossa Ceasa. Temos o comércio tradicional, de rua. E temos essas empresas de fundo de quintal. Estamos finalizando, em parceria com o Sebrae, o primeiro censo empresarial de Ceilândia. Há 150 profissionais em campo, fazendo um levantamento de todo o perfil econômico da cidade, informal e formal. Não é uma amostragem, é um censo. Vamos ter a idéia exata do que é formal ou informal e, principalmente, vamos conhecer a necessidade de cada empresa. A partir do resultado desse censo, estaremos, em união com o Sebrae e o setor produtivo, trabalhando para dar instrumentos a essas empresas para que possam melhorar sua qualidade e abrir novos canais de vendas.

Onde serão comercializados esses produtos?

Eu e a vice-governadora Maria de Lourdes Abadia desenvolvemos o shopping do empreendedorismo social, que será efetivado neste ano. A nossa idéia é transformar um grande galpão em um centro para abrigar todos os órgãos do GDF ligados ao empreendedorismo - o BRB, o Sebrae e as entidades do setor produtivo. Vamos utilizar esse espaço para que os serralheiros, artesãos e marceneiros, todos esses informais, possam expor seus produtos. Falta um canal de venda em Ceilândia, exatamente porque não temos grandes áreas disponíveis.

Durante muito tempo, as pessoas de Ceilândia tinham vergonha de dizer que moravam lá. O que foi feito para acabar com o preconceito das outras áreas do DF com a cidade?



MINERVINO JÚNIOR

Esse é um trabalho nosso e de todo ceilandense que tem compromisso diário com a cidade. Ceilândia, no passado, foi estigmatizada pela questão da violência. Hoje, isso ocorre numa escala muito menor. Até porque os números não mentem. E o relatório de dados sobre segurança no DF aponta que Ceilândia deixou, há muito tempo, de ser a mais violenta. Está entre as menos violentas, se for calcular o número de ocorrências por cem habitantes. Isso, a gente vê no dia-a-dia e percebe no próprio comércio, na própria economia da cidade. Não existe apenas o consumidor ceilandense. Você tem pessoas de todo o DF que vão à Ceilândia. Fazemos a divulgação da cidade exatamente como ela é. Trabalhamos em parceria com a sociedade, a imprensa, os empresários e a comunidade de Ceilândia. Ela é muito melhor e muito mais produtiva do que muita gente imagina.

O que foi feito para divulgar a cidade?

Fizemos a primeira Expocei (Exposição da Cultura, da Indústria e do Comércio da Ceilândia). Aproveitamos um shopping que estava fechado há mais de um ano e conseguimos congregar várias empresas, de vários segmentos, principalmente industrial e comercial, com atividades culturais das mais variadas. Ceilândia é uma cidade com uma diversidade cultural muito forte: tem do hip hop à música de cordel, do rock ao gospel. A Expocei teve o objetivo de expor a face verdadeira de Ceilândia. Recebemos mais de 50 mil pessoas em dez dias de exposição. É esse tipo de evento que faremos sempre. Fizemos o Ceifolia, que foram três dias de Carnaval, com 35 mil pessoas por noite. Não houve registro de nenhuma ocorrência. Essa é a melhor forma que entendemos para divulgar a cidade. O dia-a-dia cultural, comercial e econômico é muito grande.

Os moradores reclamam que não há espaços para a cultura que dependem da iniciativa privada, como cinema e teatro. O que está sendo feito para atrair esses investidores?

Assim que eu assumi, em agosto do ano passado, uma das principais reivindicações - além do shopping popular e a retomada do metrô - era a viabilização de salas de cinema e de um shopping center. O hábito do brasileiro, do candango, é ir ao cinema, que fica sempre em um shopping. Ceilândia terá cinemas quando tiver um shopping. A questão prioritária é trazer um shopping center para a cidade. Para trazer esse shopping, qualquer grupo empresarial - de Brasília ou de fora - que vai investir R\$ 30, R\$ 40, R\$ 50 milhões num empreendimento como esse, trabalha com

viabilidade econômica, ou seja, retorno do capital investido. Para isso, ele precisa de informações. Precisa saber a renda per capita, a renda média domiciliar. Precisa ter informações sobre telecomunicações, sobre moradia, sobre transportes. Foi por isso que solicitamos à Codeplan e à Secretaria de Planejamento: a viabilização de uma pesquisa que pudesse dar essas informações. Para que pudessemos passar para os empresários e motivar esses empresários. Essa pesquisa foi feita, foi a pesquisa por amostra de domicílio de Ceilândia. A partir dessa pesquisa, fomos procurados por três grupos empresariais - dois do DF e um de fora. Já temos localizados em Ceilândia duas áreas que caberiam um shopping center - uma próxima à administração regional e a outra próxima à Fundação Bradesco. Nenhum grupo empresarial investe sem informação. A gente proporcionou a esses empresários as informações. Esses três grupos que nos procuraram afirmaram que os estudos que eles realizaram apontam pela viabilidade econômica da construção de um shopping center, com 150 lojas e seis salas de cinema. A partir disso, resolveríamos a questão do cinema. Ceilândia já teve seu cinema, no passado, mas depois tornaram-se cinemas de sexo e karatê.

E os investimentos públicos na área cultural, quais são?

Trabalhamos na inclusão do Orçamento 2005 a construção de um teatro, próximo à biblioteca, que é uma das mais importantes do DF, com mais de 40 mil livros no acervo, com telecentro, acesso à informática e brinquedoteca para as crianças. É nesse local que temos a área do teatro. Revitalizamos a Casa do Cantador, que é a única obra de Oscar Niemeyer fora do Plano Piloto, numa cidade do DF. Revitalizamos a Casa do Cantador de forma que ela seja a casa da tradição e cultura nordestinas e, ao mesmo tempo, possa ser utilizada pela comunidade para as atividades culturais. Ela serve como local de ensaio da orquestra da administração e abriga várias atividades culturais da nossa comunidade.

Quais propostas para este ano?

Nós vamos trabalhar intensamente em algumas obras de infra-estrutura, além do metrô e do shopping popular. A duplicação da M3 Sul (em frente ao Hospital Regional de Ceilândia) é uma das prioridades da Secretaria de Obras. O governador determinou a construção, a partir de maio, da ligação Ceilân-

dia - Samambaia (na altura do P Sul). É uma das obras mais importantes, porque teremos, de um lado, a integração Ceilândia - Taguatinga - Plano Piloto pelo metrô; e de outro, a integração Ceilândia - Samambaia - Saída Sul, por essa avenida. É uma obra importante do ponto de vista econômico.

Ceilândia tem o maior número de feiras do DF. O que será feito nessa área?

Daremos continuidade à revitalização das feiras permanentes. A prioridade dos nossos primeiros meses na administração foi a revitalização da feira permanente do Setor O. Infelizmente, ela era conhecida como uma feira em que havia prostituição infantil - chamada Feira do Periquito. Fizemos uma intervenção de 15 dias, com a associação dos feirantes e o sindicato das feiras. Fizemos um planejamento de revitalização e, na semana passada, reinauguramos a feira permanente do Setor O que, graças a Deus, passou a funcionar como deveria ter funcionado sempre, vendendo seus produtos e acabando com a má fama de antes. As outras seis feiras estão recebendo tratamento. Vamos colocar, em cada feira, locais de apresentações culturais e vamos re-

formar feira por feira em vários requisitos. Algumas precisam de piso, outras precisam de melhoria no teto, outras precisam de banheiro. A economia de Ceilândia passa pela feira.

E os locais que não têm urbanização?

O governador pediu muita atenção da nossa parte em relação à urbanização da cidade e à infra-estrutura. É por isso que as novas quadras da QNR, a Vila Feliz, receberam infra-estrutura de água e luz. Estamos, em parceria com Ministério Público, Terracap, Secretaria de Meio Ambiente e Secretaria de Desenvolvimento Urbano, estudando propostas para os condomínios irregulares de Ceilândia, que proliferaram muito nos últimos anos. São mais de 50 mil moradores de condomínios, que precisam de uma atenção muito específica. Muitos não têm água, grande parte deles não tem luz. Muitos estão em áreas de nascentes, de relevante interesse ambiental.

O que está sendo feito pela administração para prevenir enchentes e enxurradas nesses condomínios e em outros locais com pouca infra-estrutura?

Ceilândia foi feita para abrigar 150 mil habitantes e agora tem mais que o dobro disso. Sua infra-estrutura atende o

dobro da capacidade. Em vários locais - Setor P, Setor O, Ceilândia Norte, QNQ, QNR e Expansão do Setor O - temos feito várias intervenções. Temos feito o trabalho permanente de limpeza e alargamento de bocas-de-lobo e ampliação da rede de águas pluviais. Instalamos redes fluviais onde não existia. Fizemos o levantamento, com a Defesa Civil, de todas as áreas de risco de Ceilândia. Onde foi alagado em 2004, em 2003, em 2002 e em 2001. Grande parte desses problemas nós já solucionamos. Por ser uma cidade muito grande, Ceilândia requer muito trabalho. E isso a gente tem feito.

A Vila Rafael foi apontada como uma das áreas de risco. O que foi feito lá?

Com relação aos currais comunitários, como a Vila Rafael, há uma atenção prioritária das ações sociais de governo, porque são áreas muito carentes do ponto de vista social. Principalmente para a criança e para a mãe. Há riscos de saúde. A Vila Rafael surgiu há mais de dez anos. Foi cedida uma área para que os carroceiros pudessem colocar seus animais e essas áreas viraram habitação. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano está procurando um local para abrigar essas 250 famílias que hoje vivem nesses currais comunitários.

Ainda há projeções para prédios na Ceilândia?

Ceilândia é uma cidade horizontal, de casas e prédios pequenos. Uma das grandes missões é verticalizar Ceilândia. Para isso, precisamos rever o Plano Diretor Local (PDL) de Ceilândia, que tem sua revisão prevista para 2006. Faremos consultas à Câmara Legislativa, ao presidente Fábio Barcellos, sobre a possibilidade de anteciparmos essa revisão. Com a concordância do governador Roriz, claro, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e da Terracap. Ao aumentar a norma de gabarito de algumas avenidas - onde as casas do passado já viraram comércio - temos certeza no aumento de oferta de residências. Aí você começa a resolver o problema de moradia na cidade.

Quais são as consequências da falta de moradia?

Quando não há oferta de moradias cresce o número de condomínios irregulares. Por mais que haja uma fiscalização muito rígida do Siv-Solo e do GDF, esse movimento existe. E uma forma de evitá-lo é criando opções de moradia em Ceilândia.

Quais os preparativos para o Carnaval?

Estamos aguardando a decisão da descentralização do Carnaval deste ano. Estamos trabalhando com a hipótese de os desfiles das escolas de samba deste ano ocorrerem em Ceilândia.

O senhor pretende se filiar a algum partido político em 2005?

Não. Penso nisso, nunca pensei. Como administrador e sendo um membro da equipe do governador Roriz, estamos no grupo político do governador Roriz. Não penso em me filiar. Nunca fui filiado. O que penso realmente é em administrar a cidade. O futuro a Deus e ao governador Roriz pertence.

Já recebeu convite de partidos?

Vários.

Da oposição também?

Também. Mas onde o governador Roriz estiver nós estaremos com ele.

E a sucessão 2006?

O grupo do governador Roriz, unido, é imbatível.